

Vice-presidente do Bird: acordo é possível.

O vice-presidente do Banco Mundial para a América Latina, Nicolas Barletta, considerou ontem, depois de entrevistar-se com o ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, bom o prazo de nove anos reivindicado pelo governo aos credores para pagar as amortizações e os juros da dívida externa, mas ressaltou que a economia só se recuperará se forem feitos os ajustes econômicos necessários para difundir confiança na comunidade financeira internacional.

Nicolas Barletta ressaltou que o acordo de nove anos é possível, trará desafogo à economia e difundirá confiança na medida em que o governo mostre disposição para reduzir os gastos oficiais, reduzindo a inflação e permitindo oferta maior de recursos ao setor privado. Indagado se não acha que os credores endurecerão na negociação do pagamento dos juros, respondeu estar confiante num acordo e lembrou: "Ninguém enterrará o Brasil".

Ele não quis fazer comentários sobre a batalha parlamentar em torno do Decreto nº 2.045, mas ressaltou que os ajustes na área salarial, monetária e fiscal são fundamentais para conduzir a economia no caminho da recuperação. Não quis também comentar a disposição do governo em negociar o 2.045, mas lembrou que a inflação só será combatida com a austeridade em todos os setores.

Perspectivas

Ao mesmo tempo em que disse acreditar

que o País não será enterrado e sairá de suas dificuldades com relativa facilidade, se fizer os ajustes necessários e difundir confiança na comunidade financeira, Nicolas Barletta prometeu ao ministro da Indústria e do Comércio empréstimos menores do que os reivindicados.

O ministro e seus principais assessores declararam inúmeras vezes, por exemplo, que tentarão negociar com o Banco Mundial um empréstimo de US\$ 50 milhões para o Proálcool para o próximo ano, mas Barletta informou que o banco deverá conceder apenas US\$ 200 milhões. Inferior, portanto, ao empréstimo concedido este ano, de US\$ 250 milhões. Indagado sobre a redução, nada respondeu Barletta.

Por outro lado, ele defendeu a concretização dos cronogramas de obras das empresas siderúrgicas estatais. Para ele, é fundamental o governo concluir o programa siderúrgico, pois os investimentos já realizados recomendam o término em vez da paralisação, dado os altos custos financeiros sobre os empréstimos.

Barletta disse que o Bird negociará empréstimos totais de US\$ 700 milhões ao País, assim divididos: US\$ 100 milhões para a pesquisa tecnológica; US\$ 300 milhões para a pequena e média empresa; US\$ 200 milhões para o Proálcool; e US\$ 100 milhões para as exportações.

A General Motors disposta a colaborar

O presidente da General Motors do Brasil, Clifford Vaughan, disse ontem, no Rio, que a empresa está satisfeita com o desempenho que vem obtendo no Brasil e não pretende alterar seus planos de investimentos em consequência da crise financeira que o país atravessa. Ele explicou que a GM tem ido bem nas exportações, principalmente de caminhões e utilitários, e já tem planos prontos para lançamentos de modelos novos para 1985. O Chevette é o carro mais vendido no Brasil, observou ele, com entusiasmo.

Clifford Vaughan está no Brasil há qua-

tro meses e pela primeira vez visitou o Rio. O presidente da empresa disse que não prevê a necessidade de racionamento de combustível no Brasil e que as autoridades o deixaram tranquilo quanto à produção de álcool. Lembrou, até, que a General Motors tem vendido apenas de 10 a 20% de carros a gasolina, já que o programa do álcool tem sido um êxito. Vaughan diz que a GM está disposta a colaborar com o governo porque essa é a melhor forma de se vencer a crise. "Estamos aqui para ficar", disse ele, certo de que o País superará suas dificuldades.